



1

Feirantes em ação: a dinâmica desse mundo do trabalho no Recôncavo Sul da Bahia - Santo Antônio de Jesus (1950-1970).

HAMILTON RODRIGUES DOS SANTOS*

Conforme o memorialista Fernando Pinto de Queiróz, a cidade de Santo Antônio de Jesus, anteriormente denominada de Capela do Padre Matheus, Capela de Santo Antônio de Jesus e, depois, apenas, Capela, tem suas “origens” relacionadas ao sítio da Capela construída em terras doadas pelo Padre Matheus Vieira de Azevedo, em 27 de setembro de 1776, ao redor da qual foi-se edificando. Até o ano de 1852 essas terras estavam ligadas eclesiasticamente ao município de Nazaré, quando a Capela foi elevada à categoria de freguesia. Tornou-se vila em 1880, tendo a sua Câmara se instalado em 04 de março de 1883, e em 1891 foi elevada juridicamente à categoria de cidade. Limita-se ao norte com os municípios de Conceição do Almeida e Dom Macedo Costa (este se desmembrou de São Felipe em 1962); ao sul, com Laje, São Miguel das Matas e Aratuípe; a leste com Muniz Ferreira e São Felipe; e a oeste com Varzedo. (QUEIRÓZ, 1995:223).

Localizada na Região do Recôncavo da Bahia, mais especificamente na Região do Recôncavo Sul, a cidade de Santo Antônio de Jesus teve seu povoamento estimulado a partir do plantio e cultivo de produtos agrícolas como: mandioca, café, fumo, laranja, banana, jaca e outros gêneros alimentícios e atividades agropecuárias desenvolvidas ao longo de sua história que remete aos séculos XVII e XVIII quando os primeiros arruamentos começaram a se instalar próximo à Praça Padre Mateus.

Essas atividades tinham como principal objetivo a produção de alimentos para abastecer a população local, da região e as cidades canavieiras, atender à demanda dos homens que se deslocavam para colonizar o Sertão e, também, à população de Salvador, capital do estado. O Recôncavo Baiano, ao longo de sua história, configurou-se como uma região singular e plural, composta por vários sistemas de produção e cultivo e múltiplas formas de relações sociais. Segundo a historiadora Ana Maria Carvalho “Se existem elementos que lhe dão unidade, há também aqueles que demonstram a sua diversidade. Difícil perceber a riqueza, a

* Universidade Federal do Ceará – UFC. Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFC.



pobreza, os contrastes do Recôncavo sem levar em conta a variedade dos seus aspectos físicos, sócio-econômicos e o seu percurso histórico”. (OLIVEIRA, 2003:57).

A autora ainda ressalta que é possível identificarmos o Recôncavo como um grande conjunto composto de porções diferenciadas. Estas porções, que podem ser vistas como pequenos recôncavos são: o Recôncavo canavieiro, o Recôncavo fumageiro, o Recôncavo mandioqueiro e da subsistência, o Recôncavo da pesca e o Recôncavo ceramista.

Essa configuração produziu na região uma diversificação econômica e, concomitantemente, contribuiu para a intensificação de diferentes processos de ocupação e povoamento, proporcionando mudanças significativas na estruturação do espaço regional e das relações sociais. Alguns estudos abordam o Recôncavo canavieiro como uma região completamente diferente dentro do Recôncavo Baiano, enfatizando que a ocupação daquele espaço e a construção das relações sociais foram decorrentes da monocultura canavieira baseada no sistema produtivo do tipo *plantation*. Todavia, cabe ressaltar, estudos mais recentes, como o do historiador Walter Fraga Filho, mostram que a faixa de terra que a literatura consagrou como Recôncavo Clássico ou Tradicional “não era apenas um grande engenho, havia ali grande variedade de cultivos e nem todos os escravos estavam ligados à economia açucareira”. (FRAGA, 2006:23).

Dentro desse contexto – Recôncavo e Recôncavos – é que se insere historicamente a cidade de Santo Antônio de Jesus, cujas terras do Recôncavo mandioqueiro e da subsistência proporcionaram o surgimento de várias povoações e possibilitaram a constituição de uma sociedade iminentemente rural com características e objetivos distintos da sociedade canavieira, por exemplo.

No decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, diversos fatores provocaram uma profunda transformação espaço-regional no Recôncavo Sul, resultando no aparecimento, crescimento ou “declínio” de povoados, vilas, cidades e municípios. Os principais fatores que contribuíram para as mudanças na configuração e na dinâmica social dos núcleos urbanos e rurais no Recôncavo Sul da Bahia foram, inicialmente, os caminhos das vias terrestres marcados por pedestres, carros de boi, burros, cavalos, carroças e, mais tarde, o transporte flúvio-marítimo e ferroviário, além das atividades econômicas, sobretudo as feiras-livres.

O comércio local do município de Santo Antônio de Jesus era animado com a feira-livre que constituiu-se como uma das primeiras atividades comerciais desenvolvidas no

município e na região, cuja existência remonta à história do surgimento da própria cidade quando em seus primórdios localizava-se nos arredores do Oratório de Santo Antônio, onde atualmente está localizada a Praça Padre Mateus.

Locais públicos privilegiados para a venda de mercadorias, nas feiras baianas encontravam-se produtos bastante variados como gêneros alimentícios, utilidades domésticas, remédios, garrafadas, peças do vestuário, acessórios diversos, animais, dentre outros produtos. Entretanto, as feiras representavam muito mais que um espaço de negócios. Ana Maria Carvalho entende as feiras como lugares:

Onde eram estabelecidos contatos comerciais e sociais, corriam os preços dos produtos e as notícias sobre o cotidiano das pessoas: quem havia casado, nascido, falecido, estava doente, o escravo fugidio, o senhor falido ou enriquecido era notícia. Todos estavam nas conversas que se desenrolavam por entre as bancas ou barracas dos feirantes. (OLIVEIRA, 2003:69).

Essa dinâmica consolidou a feira-livre de Santo Antônio de Jesus como um espaço que, mais do que para as simples práticas de um comércio varejista de diversos produtos, constituía-se em múltiplos lugares de criação, de maneiras de viver e resistir às dificuldades cotidianas enfrentadas quer por trabalhadores do campo, quer por trabalhadores da cidade. Essa feira funcionava como uma espécie de vitrine da produção “local”, da população, da cidade e da região; era um elo de ligação entre o viver urbano e rural e revelava muito da cultura dos Recôncavos Baianos. Em Santo Antônio de Jesus entre os anos 50 e 70 do século XX, a feira atraía comerciantes, feirantes e fregueses dos diversos arraiais e cidades vizinhas, tornando-se um grande “empório comercial” na região.

Para o historiador Charles D’Almeida Santana, no Recôncavo Sul da Bahia, a partir do início do século XX, as cidades passaram a adquirir “centralidade” nas maneiras de viver das pessoas residentes nos povoados, distritos e localidades próximas. (SANTANA, 1999:47). Apesar da população na zona urbana da cidade de Santo Antônio de Jesus (39,9%) na década de 50 estar bem inferior à população rural (60,1), a década de 60 já anunciava um aumento populacional na cidade para expressivos 45,5% enquanto que o campo absorvia 54,5% da população.² Junto a esse aumento populacional, crescia também a importância da cidade para os trabalhadores rurais que buscavam na urbe não só mercadorias, como também conversas,

² Para saber sobre aspectos demográficos da cidade de Santo Antônio de Jesus nas décadas de 50 e 60, verificar fontes: IBGE/SEI – Anuário Estatísticos da Bahia.



bebedeiras, diversão, arte, educação para os filhos, alternativas de sobrevivências e, sobretudo, trabalho.

Dessa forma, a feira livre de Santo Antônio de Jesus era um dos espaços mais disputados na cidade por homens e mulheres das zonas rurais como também da própria urbe. Ela era um polo que atraía pessoas de várias cidades da região do Recôncavo baiano que nela adentrava de várias formas e com diversos objetivos, principalmente para trabalhar.

Quando nos deparamos com os feirantes vendendo seus produtos e mercadorias nas feiras livres, não temos dimensão do leque de experiências que marcaram/marcam o mundo do trabalho dessas pessoas. A expressão “mundos do trabalho” cunhada pelo historiador Eric Hobsbawm e que deu título ao livro em que o autor, sobretudo, aborda a experiência operária em diferentes países e épocas, inspirou vários estudiosos a pensar a complexidade que envolve o mundo do trabalho de qualquer classe ou grupo social independente de tempo e espaço. “Mundos do trabalho” inspira-nos, também, a pensar nas especificidades, singularidades e peculiaridades que configuram a dinâmica do labor de cada ofício ou categoria profissional.

Nesse sentido, os feirantes que trabalhavam na feira livre da cidade de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo da Bahia entre os anos 1950-70, vivenciavam um “mundo do trabalho” construído cotidianamente a partir de múltiplas experiências que davam sentido às suas vidas. A vida dura, conforme esses trabalhadores evidenciaram em suas narrativas, traduz que esses homens e mulheres desenvolviam uma atividade rotineira, especializada e constituída por várias etapas. Entre a roça e a rua, com suas experiências individuais e coletivas, com objetivos, às vezes, distintos, às vezes, semelhantes, lá estavam eles, homens e mulheres que, ao mercadejarem seus produtos e mercadorias na feira, desempenhavam um papel social importante para comunidade local e regional. Portanto, o objetivo desse texto é adentrar no universo das experiências desses feirantes para analisar e refletir sobre algumas dimensões do mundo do trabalho desses sujeitos e demonstrar alguns aspectos empíricos de sua composição.

A meu ver, dentre esses aspectos, podemos destacar: 1- Trabalho na roça, 2 - transporte das mercadorias, 3 - composição do espaço de trabalho, 4 - a venda dos produtos e mercadorias, 5 – os acidentes de trabalho, 6 – trabalho e lazer na feira, 7 - relações sociais com outros sujeitos como fiscais, mendigos, moleques, prostitutas..., 8 – as condições climáticas, 9 – a volta pra casa, 10 – para além da feira... mais trabalho. Todavia, aqui agora nesse momento não será possível discutir todos esses aspectos. Apenas dois deles serão abordados.

TRABALHO NA ROÇA

Os feirantes que fazem parte dessa pesquisa eram/são homens e mulheres da roça, trabalhadores rurais que, antes de exporem e comercializarem seus diversos produtos e mercadorias na feira livre, se ocupavam com várias atividades e trabalho na roça. Vejamos:

Eu, quando era criança, sempre ajudei a minha mãe a trabalhar na roça. Comecei a trabalhar na mandioca e fumo, aí nós panhava lavoura lá e minha mãe panhava café de ganho.³ Ela botava aquele cesto marrado na cintura pra panhar café, pra conseguir o ganha pão. Pra vender, pra fazer a feira da gente. Aí, quando fui crescendo e ela plantava fumo, moiado de fumo, aí a gente apanhava 5 horas, é. 5 de manhã e a tarde. O dia seca e fica no pé do fumo até dá 5 horas. Aí, manha de manhã cedo, ia catar, catar. Quando o fumo tava seco, é tava maduro, pra manocá, pra trazer pra vender, aí pra comprar as besteiras, né? Aí, pra comprar uma roupa, um sapato. Aí, trabalhava de cortava fumo. Nós tava pequeno e ela botava a gente pra começar, ensinando a trabalhá, eu tinha lá uns 4 anos, tinha minha irmanzinha que era maiorzinha, tinha 5 anos.⁴

Esse trecho da narrativa de Clementino Ferreira me conduz a indagar: qual a lógica da vida dos roceiros, produtores rurais e suas famílias que residiam na região do Recôncavo baiano na segunda metade do século XX? Em um instigante artigo sobre lógica do desenvolvimento do Estado e lógica camponesa, Alf Schwarz mostra como nos países de terceiro mundo há uma lógica antagonística que é a base da organização dos trabalhadores do campo tradicionais e aquela da agricultura moderna. Esse autor argumenta que a lógica tradicional da produção da segurança de vida, em nível local, não pode se casar com aquela da produção de um excedente mobilizável com vistas à acumulação em nível nacional. Sobre a produção da segurança dos camponeses o autor afirma que,

O funcionamento básico de uma unidade agrícola tradicional repousa, como se sabe, na combinação de três grandes fatores de produção: a terra, os meios de produção (próprios, alugados, emprestados ou subsidiados) e a mão-de-obra que no final de um ciclo produtivo resulta em uma produção que será, economicamente falando, dividida em dois elementos: a produção necessária (PN) e o Excedente. (...). A produção necessária é constituída essencialmente, pela parte da produção que serve ao auto-consumo e pela parte da produção agrícola, cujo produto de venda serve, por um lado, para comprar os bens indispensáveis para a satisfação das necessidades essenciais dos produtores rurais e de sua família (a reprodução da força de trabalho)

³ A lavoura do café era uma atividade comum na região do Recôncavo baiano entre os anos 195-70. Muitos fazendeiros que possuíam grandes propriedades rurais plantavam e colhiam café para venderem nos armazéns da cidade e da região. Dentre as pessoas que estavam envolvidas no processo da colheita do café, estavam os “trabalhadores de ganho”, homens e mulheres contratados por diária para catarem ao chão o café e colocar nos balaios. O ganho desses trabalhadores era por produção, ou seja, a quantidade de balaios que eles conseguiam encher de café por dia.

⁴ Depoimento Clementino Ferreira dos Santos. Ex-feirante, Lavrador e Fiscal da feira. Rua Justiniano Rocha Galvão, n. 21, Centro. Santo Antônio Jesus-BA. Nascido em 10/11/1948. Entrevista 14/07/2015.

e, por outro lado, para a reprodução dos meios de produção (compra e substituição de ferramentas, derrubadas para substituir as terras em alqueive, sementes, insumos diversos, etc.). (SCHWARZ, 1990:82).

O Trabalho é uma das ações que permeia toda a história de vida dos feirantes e um dos elementos mais marcantes em suas memórias. Tudo se organiza em função dele, a própria vida se dinamiza, ganha sentido e significado em torno do mundo do trabalho. A narrativa de Clementino Ferreira é bastante emblemática quando aponta que ele, já aos 4 anos de idade, estava inserido no labor da lavoura na roça. A história dele assemelha-se à de vários feirantes que desde cedo estavam junto a seus pais labutando em diversas atividades na roça, dando vigor ao que se entende por trabalho familiar.

Outra característica comum entre os vários homens e mulheres feirantes, que foram sujeitos desse estudo, é o fato de trazerem, em suas narrativas, o trabalho na lavoura da mandioca e do fumo como as primeiras experiências da atividade manual a ser praticado por eles, nas quais eles estavam inseridos em todo processo produtivo, deste a plantação até a colheita. O que afirma a tradição de um Recôncavo baiano em que a cultura da mandioca e do fumo se apresentam como fortes traços identitários tanto da região como das pessoas que nela habitam e ali tecem diversas relações sociais.

Posso fazer um paralelo entre as concepções teóricas de Alf Schwarz e a realidade empírica vivenciada por Clementino Ferreira, pelo fato de que a narrativa desse feirante mostra que a manutenção da vida dependia dessa dinâmica, porque era com o fruto do trabalho familiar que esses produtores rurais “faziam a feira”, compravam roupa e sapato e ainda as “besteiras” necessárias para a sobrevivência. Besteira dentro da cultura dos feirantes significava poder comprar, de maneira bastante limitada, alguns alimentos que eles não produziam, artefatos ou alguns produtos necessários para a vida cotidiana, como uma bainha de facão, um candeeiro, uma enxada, sementes, pão, etc.

O trabalho era uma atividade rotineira, cotidiana e diária na vida dos pais e daqueles que se tornariam feirantes no futuro muito próximo, já que, entre os anos 50-70 do século passado, a feira livre era um horizonte possível, uma opção ou uma alternativa viável de trabalho livre no universo da rua, ou seja, da cidade. O relato do feirante Clementino Ferreira mostra ainda que o chefe de família, pequeno produtor rural, nesse caso, sua mãe, tinha a responsabilidade de prover a subsistência da prole. Todavia, não quer dizer que o fizesse só a partir dessa atividade, também organizava as tarefas a ser desenvolvidas pelos membros da unidade familiar

na roça. Esse feirante lembrou que quando sua mãe saía “dava a tarefa pra gente, que era pra nós cavar cova, cavar mandioca, tomar conta de animá (...)”.

Era o produto da roça que abastecia a casa, tanto servindo para o consumo próprio como para ser vendido e gerar o dinheiro que custearia os próprios meios de produção (enxadas, facões, cavadores, martelos, arames, sementes, adubos, jegues, cavalos...). Assim como eram os frutos da roça que abasteciam o lar, eram as atividades desempenhadas dessa/nessa roça que eram designadas de trabalho pelos feirantes. Dessa maneira, esse tipo de atividade familiar realizado por pais, mães e filhos, obedecia uma lógica em que os participantes são reunidos segundo relações diferenciadas do trabalho assalariado.

Na condição de produtor rural, homens, mulheres e crianças extraíam da roça uma série de “bens” que, uma vez transformados em produtos e mercadorias, eram destinado à comercialização na feira livre, principalmente a de Santo Antônio de Jesus. Isso implica afirmar que esses sujeitos trabalhavam desde o plantio e cultivo de vários produtos agrícolas, como fumo, mandioca, café, feijão, hortaliças e verduras, até à retirada de madeira e matos, produção de carvão, criação de animais, cozimento de bolos, de mingau, de diversas comidas que eram levadas para serem vendidas na feira, além de se encarregarem do serviço doméstico.

DA ROÇA À RUA: O TRANSPORTE DAS MERCADORIAS

Transportar as suas mercadorias até à rua, para ali serem comercializadas, era uma das etapas ou sequência de procedimentos para os homens e mulheres que desempenhavam tal ofício. O transporte até a feira era parte importante da montagem do universo de suas relações de trabalho. (PACHECO, 2009:111). O deslocamento até a cidade não era tarefa das mais fáceis, já que algumas variáveis cruzavam o caminho desses sujeitos e tornavam a vida mais difícil ou, porque não falar, mais intensa. Quais eram os meios de transportes utilizados pelos feirantes para transportarem suas mercadorias até à rua? Quais mecanismos eles utilizavam para suprir as carências ou a falta dos recursos primordiais para o desempenho dessa etapa do trabalho?

A trajetória de vida de alguns dos sujeitos dessa pesquisa indica que eles tiveram sua primeira experiência como feirante na secular feira livre da cidade de Nazaré das Farinhas. A

distância entre esse município e SAJ⁵ é de aproximadamente 40 km; porém, se levarmos em consideração que eles saíam de zonas rurais ou de outras cidades da região do Recôncavo que estão localizadas mais distantes, a caminhada poderia, de fato, se tornar muito mais intensa.

Os homens⁶ que se deslocavam para vender suas mercadorias na feira da cidade de Nazaré das Farinhas enfrentavam longas estradas de chão até chegarem ao destino pretendido. Nos anos 50 do século XX, o feirante Elizeu Mota enfrentava essa rotina semanalmente. Vale a pena trazer aspectos dessa lembrança,

Eu peguei uma fase também já de 12 anos em diante, meu irmão viajava muito. A gente negociava também pra Nazaré, andar 7 léguas de pé, não é pros menino de hoje. Sair 10:30, 11 horas da noite, com o candeeiro na mão, puxando o burro da guia, amassando lama, descalço, tomando chuva nas costas, pra sair daqui 10:30, 11 horas, pra chegar em Nazaré no amanhecer do dia, vendia as cargas lá, montava nesses burros, pra chegar em casa 7, 8 horas da noite. Toda semana meu irmão negociava, eu era o secretário de tá com ele e também levava produção da gente pra lá. Levei 6 anos nessa luta, sem perder um dia, uma feira, né? Uma semana, melhor dizendo, porque era toda semana.⁷

A narrativa acima descreve uma “rotina em comum” para alguns feirantes e nos induz a pensar na importância de alguns elementos necessários durante todo trajeto. Para os trabalhadores rurais que atuavam na feira livre de Santo Antônio de Jesus e tinham que também se deslocar da roça à rua para poder comercializar seus produtos, a realidade era muito parecida à que foi descrita acima: longas caminhadas a pé, uso do candeeiro para iluminar as estradas à noite e na madrugada, enfrentamento das intempéries, vestimentas frágeis e a companhia inseparável dos burros, jegues e cavalos.

Entre os anos 50 e 70 do século XX, o meio de transporte mais acessíveis naquele momento eram os lombos desses animais. Eram os cavalos, éguas, burros e também os bois de carga, que faziam a mediação entre a roça e a rua (mundo doméstico e o mundo externo). Conforme ressaltou Afrânio Garcia, “os animais são indispensáveis aos pequenos produtores como transporte que viabiliza o negócio. É para transporte, humano e de carga, que os animais são fundamentais”. Ele assegura que “é porque são peças indispensáveis para efetuar as

⁵ SAJ é a abreviação do nome da cidade, ou seja, Santo Antônio de Jesus. É muito comum essa expressão entre os moradores da cidade.

⁶ Nessa pesquisa não encontrei nenhuma mulher que se deslocava junto aos homens para vender seus produtos na feira livre da cidade de Nazaré no referido período.

⁷ Depoimento de Elizeu Lopez da Mota. Feirante. Centro Santo Antônio de Jesus. Nasceu em 14/06/1940. Entrevista realizada em 15/07/2015.

operações mercantis que permitem vender a produção do roçado e realizar a feira semanal, que toda unidade doméstica tem que possuí-los”. (GARCIA, 1983:184).

De fato esses animais eram indispensáveis para o transporte das mercadorias da roça até à rua, mas, nem todos os feirantes tinham condições de possuí-los em determinados momentos de sua vida, a exemplo da feirante Maria Plácida, mãe da ainda pequena Vitalina Souza, que pelo fato de não possuir um animal de carga nos anos 50 do século passado, as duas percorriam uma distância de aproximadamente 08 kms a pé levando as mercadorias na cabeça até a feira livre da cidade de Santo Antônio de Jesus. Durante o momento em que Vitalina Souza relembrou esse aspecto de sua família e, conseqüentemente de sua vida, o tom da sua voz e sua feição mudaram, e vieram à tona sentimentos de angústia e dor, ao rememorar uma situação que gerava conflito na vida social de sua família. O que me remete a lembrar aquilo que os grandes historiadores e pensadores que desenvolvem pesquisas com fontes orais, como Portelli, Thompson, Montenegro, Américo Souza, dentre outros, observam no caráter da entrevista. Robério Américo do Carmo Souza afirma que “a teatralidade presente na entrevista, e jamais integralmente captada pela escrita, fornece um contexto de sentido fundamental, em que as formas de expressão e os objetos podem ganhar significado”. (SOUZA, 2010:05).

Assim, a experiência de investigar as narrativas orais desses homens e mulheres que foram feirantes naquela época; trouxe-me a oportunidade ímpar de acessar a intimidade da memória desses sujeitos sociais de modo que dá à subjetividade um estatuto tão concreto e capaz de evidenciar sobre a realidade quanto qualquer outro fato. Sem dúvida, muitos aspectos importantes e significativos da vida cotidiana e da cultura desses indivíduos estão nos porões da intimidade, como bem ressaltou Souza, e só a história oral, enquanto fonte histórica, tem essa possibilidade de trazer essa realidade vivida e nos fazer, no mínimo, imaginar o quanto um animal de carga poderia fazer uma grande diferença no ramo dos negócios desses sujeitos naquele momento, bem como o fato de não possuir um cavalo poderia causar grandes transtornos no seio de uma unidade familiar.

Os mais aquinhoados, como a família de Elizeu Mota, além de terem seus animais de carga, recorriam a outras estratégias, caso fosse necessário, com o objetivo de dinamizar os negócios em função da produção da família e, também, na condição de atravessadores. Já que, vários feirantes alternavam ou somavam a condição de atravessador à de pequenos produtores rurais. Ao lembrar sobre como conduzia os negócios da família, esse feirante narrou:

Agente andava com uma tropa de 8 a 10 burros, de acordo com a semana, e levava tudo quanto era coisa. As cargas naquele tempo era na medida, era 90 litros cada saco. Hoje tudo é pesado, 100 quilos, 50 quilos. Então, a carga de farinha chama hoje 100 quilos, naquela época era 180 litros cada saco. Negociava com tudo, laranja, lima, banana da terra, farinha. A gente, meu irmão comprava na região. A gente tinha uns 4 ou 5 animal, alugava dos vizinhos, fazia aquela tropa toda e saía, era uma vida difícil, não era que nem hoje.⁸

O relato do feirante mostra nuances de um ofício que era bastante dinâmico. Tudo poderia ser comercializado na feira, e essa possibilidade ampliava os horizontes dos homens e mulheres que estavam envolvidos nessa realidade. Outro aspecto importante diz respeito ao fato que muitos produtos e mercadorias que eram vendidas na feira livre de SAJ vinham também das roças de várias cidades da região do Recôncavo Baiano, como é o caso do pai de Zilda Pires que se deslocava da zona rural da cidade de Castro Alves, cerca de 65 kms de distância, junto aos seus colegas e amigos, carregando verduras e castanha para naquele mercado comercializar.⁹

Dentre essas nuances, destaca-se na narrativa de Elizeu Mota, o fato de sua família alugar burros dos vizinhos. Com certeza, aí está implícito uma das múltiplas relações de solidariedades que existiam na roça, das quais os feirantes lançavam mão. Existia uma rede de solidariedade local baseada no parentesco e na vizinhança. É possível imaginar que eles poderiam obter vantagens alugando animais de carga dos vizinhos, parentes e não de desconhecidos; mas, acredito também que poderiam despertar sentimentos de inveja por parte de alguns que viam seus negócios prosperarem.

Apesar de ainda nos anos 70 do século XX o automóvel não ser uma realidade de uso comum entre os feirantes, alguns deles utilizavam esse meio de transporte para transportarem seus produtos até o lugar de destino, ou seja, a feira livre de SAJ, desde a década de 60 do mesmo século. Essa realidade era vivenciada pelos feirantes quando estavam na condição de atravessadores, ou seja, intermediários, aqueles que compravam produtos agrícolas ou mercadorias em maior quantidade, às vezes em atacado, para revender, já que as duas realidades – atacado e varejo – não estão/são estanques e separadas, mas interconectadas. Os feirantes Augusto Soares, João Nunes dos Santos, Esmeraldo Nunes utilizavam o carro como meio de transporte. Esses dois últimos compravam mercadorias na feira livre da cidade de Feira de

⁸ Depoimento de Elizeu Mota.

⁹ Depoimento de Zilda Maria Pires. Ex-feirante, aposentada. Rua Viriato Lôbo n. 523, centro. Nasceu em 22/07/1940. Entrevista 13/08/2015.

Santana para revender na feira do município de Santo Antônio de Jesus. Mas os automóveis não eram de propriedade desses feirantes, eram carros de terceiros que eles utilizavam e tinham que custear tais viagens.

No transporte de mercadorias, o maior vilão na vida dos feirantes parecia ser as estradas de chão. Muitos desses homens e mulheres que percorriam várias distâncias das zonas rurais até a rua, transportando seus equipamentos de trabalho e suas mercadorias, não iam montados em seus animais, porque muitas vezes estes estavam carregados e o papel dos feirantes era ir conduzindo-os durante todo trajeto, lado a lado. Burros, cavalos e éguas eram amigos inseparáveis desses feirantes que dividiam com seus animais a experiência de realizar longas caminhadas. Em tempos de sol era muita poeira que eles respiravam, mas em tempo de chuva a natureza tornava a situação mais inóspita.

Em 100% dos relatos aqui analisados, as estradas de chão, em tempos de chuva, se tornavam um grande empecilho na vida dos feirantes. Ao lembrar alguns trajetos que percorria nos anos 50, 60 e 70 do século XX com seus colegas de viagem e os animais de carga, Elizeu Mota disse que “naquele tempo era pé descalço, pra bater lama da boca da noite, 10, 11 horas, quando saía até chegar em Nazaré ou Santo Antônio, batendo lama, tirando burro do degrau,¹⁰ caindo, levantando, muitas horas assim”.¹¹ Essa era uma experiência compartilhada entre os feirantes, o que se transformava numa experiência comum desse grupo.

David Lowenthal, ao falar sobre a memória e a interrelação dessa entre o pessoal e o coletivo afirma que “o passado lembrado é tanto individual quanto coletivo. Mas como forma de consciência, a memória é total e intensamente pessoal; é sempre sentida como algum acontecimento específico que ocorreu comigo”. (LOWENTHAL, 1998:78). Assim, em consonância com Lowenthal, as memórias aqui reveladas saíram dos porões da consciência individual de cada homem e mulher que vivera e experimentara aquela realidade, sentindo cada momento e acontecimento de forma bastante específica, única e singular. Dessa forma, o relato de suas memórias traz o tempo do campo como vetor da labuta com os negócios da rua, e este é um passado tanto individual quanto coletivo.

¹⁰ Degrau é uma valeta ou fosso à beira de ruas ou estradas para o escoamento de água. Muito comum na região do Recôncavo entre os anos 1950-1970 por causa das condições precárias das estradas de chão.

¹¹ Depoimento de Elizeu Mota.

Conforme vimos na da narrativa do feirante Elizeu Mota, naqueles tempos do século passado, para ir para a feira-livre de Santo Antônio de Jesus, tanto os frequentadores e frequentadoras quanto os feirantes começavam sua jornada já na madrugada em suas casas. Os frequentadores muitas vezes iam não só para comprar como também combinar negócios como arrendamentos de propriedades e outros arranjos ligados às atividades agrícolas e pastoris; outros iam em busca de notícias de parentes e amigos que moravam em outras localidades; ali na feira se encontravam agiotas, amoladores, jogadores, apostadores, cantadores, dentre outros, e cedo tinham que estar acordados para se arrumar e ir para a cidade. Quanto aos feirantes, a tarefa de acordar cedo consistia em uma premissa para o exercício da profissão.

Pensar no cotidiano, no tempo, nas questões relacionadas ao trabalho na feira, a meu ver, só ganha sentidos e significados se entendermos que são elementos de uma realidade que estão interligados, que compõem uma coordenada e não podem ser ou estar indissociáveis. O tempo e o trabalho dos feirantes possui uma lógica própria, muito específica que ocorre dentro de uma cultura que os organiza ao sabor das conjunturas. Essas questões não podem ser pensadas apenas no universo interno da feira livre. É preciso pensá-las, também, para além dela. É um tempo com outra fluidez, com formas e modos de trabalhar diferenciados. O trabalho não se inicia necessariamente no espaço interno da feira-livre. Ao relembrar nuances de seu passado, na memória de Vitalina Souza ficou marcado a movimentação que havia em sua casa nas madrugadas que antecederiam os dias de sábado. Ela contou que

Não tinha relógio em casa, o relógio mesmo era os galo (muitos risos). Aí, quando o galo cantava minha mãe já acordava e ia acordando um e outro e aí botava a carga nas costa e vinha, e agora o tempo de chuva, você não imagina a lama e vendo a hora de cair, tinha lugá na estrada que fazia assim: cavava aqui, juntava terra pra cá, cavava pra lá, eu sei tipo um degrau. Sabe como é? Assim que é pra água escorrer pra dá prá pessoa passá, mais de noite, noite de turvo, é porque quatro horas da manhã... hoje não, quatro horas da manhã hoje é de dia quase.¹²

Essa narrativa nos remete ao sugestivo ensaio, *Tempo, Disciplina do Trabalho e Capitalismo Industrial*, em que E. P. Thompson analisa as mudanças sobre a percepção do tempo no âmbito da cultura intelectual na Europa ocidental entre os anos 1300 e 1650. O autor aponta a necessidade do capitalismo industrial em inserir o relógio de ponto no universo da cultura dos trabalhadores como um novo elemento essencial ao desenvolvimento, regulamentação e disciplinarização das atividades diárias.

¹² Depoimento de Vitalina Santos Souza. Rua do Calabá nº 301. Santo Antônio de Jesus-Ba. Nascida em 1936. Entrevista realizada em 2006.

O contexto em que ocorreram as experiências dos feirantes que fazem parte deste estudo não é o da Europa ocidental, muito menos o capitalismo industrial dos séculos XVIII e XIX. Eram sujeitos das roças localizadas na região do Recôncavo baiano, nas duas primeiras décadas da segunda metade do século XX, filhos de uma nação cujo capital estava ainda em desenvolvimento nos grandes centros do Brasil, fato este que contribuía para que esses feirantes vivessem modos de vida muito diferenciados dos sujeitos da Europa analisados por E. P. Thompson.

Entretanto, as reflexões desse autor tornam-se relevantes para minha pesquisa, no momento que apontam formas e maneiras “irregulares” de sentir, marcar e viver o tempo em diferentes comunidades e grupos sociais, conforme ele mesmo observou essas diferenças dentro da própria Inglaterra. O autor assegura que muitos desses ritmos e tempos eram operacionados com os mais variados elementos que a natureza oferecia. (THOMPSON, 1991:267-304).

Pensando sobre esses aspectos, a narrativa de Vitalina Souza mostra como na sua experiência o meio ambiente estava presente na vida cotidiana constituindo hábitos, valores e costumes criados por aqueles trabalhadores, o que foi observado por Charles D’Almeida Santana, ao estudar o cotidiano, o trabalho e a migração das populações rurais no Recôncavo baiano entre os anos 1950-1980, mais especificamente, das cidades de Conceição do Almeida e Santo Antônio de Jesus, quando diz que “os ritmos da natureza condicionava o cotidiano, tanto nas suas dimensões tradicionais, quanto naquelas em que o rompimento com o mundo rural mostrava-se eminente: o trabalho, o lazer, a moradia, a alimentação”. (SANTANA, 1998:37). Dessa forma, era o galo que marcava o tempo, tempo este que direcionava vários homens e mulheres da roça a desempenhar diversas atividades que compunha a vida social.

Por fim, gostaria de salientar que são múltiplas as experiências vivenciadas pelos feirantes e o trabalho desses homens e mulheres é constituído por várias etapas, conforme ressaltei no início do texto. Por questões de ordens dessa publicação não temos espaço aqui para abordar todas as etapas. Ressalto também, a importância da história oral que muito nos ajudar a desvendar detalhes do mundo do trabalho desse grupo social e, sobretudo, o quanto essa fonte é necessária para produzirmos conhecimento histórico sobre trabalhadores que estão posicionados nas fronteiras do mundo do trabalho informal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:



FRAGA, Walter. **Encruzilhadas da liberdade.** Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). São Paulo. Editora UNICAMP. 2006.

GARCIA, Afrânio Raul. **Terra de trabalho:** trabalho familiar de pequenos produtores Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Revista Projeto História.** São Paulo. Vol. 17. Nov. 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo Sul:** Terra, Homens, Economia e Poder no Século XIX. Salvador-Bahia: Editora UNEB, 2003.

PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. **Trabalho e Costume de feirantes de alimentos:** pequenos comerciantes e regulamentações do mercado em Feira de Santana (1960-1990). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Salvador-Bahia. 2009.

QUEIRÓZ, Fernando Pinto de. **A capela do Padre Matheus.** Feira de Santana-Ba. Sagra. 1995.

SANTANA, Charles D’Almeida. **Fartura e ventura camponesas:** trabalho, cotidiano e migrações – Bahia: 1950-1980. São Paulo: Editora Annablume, 1998.

_____. **Dimensão histórico-cultural (cidades do Recôncavo).** Cadernos CAR – Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável. Salvador-Ba, 1999.

SCHWARZ, Alf. Lógica do desenvolvimento do Estado e lógica camponesa. **Tempo Social. Revista Sociologia.** USP. São Paulo, V. 2. I Semestre 1990.

SOUZA, Robério Américo do Carmo. Interpretação de gestos e sentimentos: a teatralidade nas narrativas da história Oral. **Revista História Agora.** V. 09. 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum:** estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.